

Saudades do metrô de antanho



NESTOR SOARES TUPINAMBÁ
é engenheiro, mestre em urbanismo e
consultor de transporte
E-mail: nstupinamba@uol.com.br

“**A** vida é o que fazemos dela, as viagens são os viajantes, o que vemos não é o que vemos, se não o que somos.” (Fernando Pessoa)
Pessoa é o Pessoa e com este verso me adverte que posso estar idealizando um passado romantizado tal como os mais velhos reclamam: “Ah! No meu tempo...”.

Bem, mas eu tenho fatos! Eles vêm da Linha 3-Vermelha, a LLO (Linha Leste-Oeste)! Foi para o seu projeto que entrei no Metrô de São Paulo e, através dela, que conheci a enorme zona leste (ZL), sua variada matriz cultural, e aprendi a gostar da região e de seus moradores...

Mas foi também nela que, contracenando com colegas de todas as áreas do Metrô, comecei a entender melhor, a empresa que escolhera para cumprir minha missão de engenheiro, ajudando nossa sociedade.

Quando começaram as inaugurações das estações da Linha 3-Vermelha, sempre aos sábados, os empregados eram chamados para fazer horas extras, ajudando nas solenidades de abertura das mesmas. Meu início foi ajudando a distribuir e controlar os sanduíches em Penha.

Colegas da obra, da manutenção, operação etc., estavam lá sem distinção alguma, mas com um denominador comum: o orgulho de contribuir para a melhoria e qualidade de vida daquela importante área da cidade.

Mas, de todas as inaugurações, a mais pitoresca, para mim, foi a da Estação Arthur Alvim.

Minha missão era arregimentar às 6h00 da manhã, no Largo do Paiçandu, uns seis músicos que iriam dar o cenário musical à cerimônia de abertura da estação.

Cheguei ao Largo com uma Kombi e percebi cerca de dez músicos dormindo profundamente nos bancos da praça após terem tocado nas boites do centro da São Paulo (alguém se lembra do Avenida Danças e suas “taxis-girls”, só para dançar, com um papel onde se picotava o tempo pago para bailar?).

Só para registrar: o Argimiro Alvarez saiu com outra Kombi para levar uma troupe de mágicos à Itaquera!

Mas, lá no Largo do Paiçandu acordei os músicos e fiz a chamada, alguns entrando na Kombi reclamando que teria que tocar com um desafeto, que atravessava seu “fraseado” etc.

Artistas são artistas, sempre!

Já em Arthur Alvim agrupei a retreta sob a passarela que se liga à estação, já apinhada de gente para assistir a inauguração.

E eu mal, disfarçando minha vontade de ser maestro, mandei tocar “Lampião de gás”, depois “Índia”, “Luar de Ipacarai”, “Saudades de Matão” etc. – sempre nessa linha.

A população se animou, pessoas cantavam, algumas até ariscavam uns passos.

E, para nossa surpresa, às 10h00 chega o trem com o governador André Franco Montoro e sua comitiva, que desce rapidamente, descerra a placa, tira fotos, acena para o povo e entra no trem.

Os músicos, cansados, pedem para ir embora, mas lembrei-os que o contrato dizia até às 14h00.

E mostrei a eles que sua música estava sendo bem apreciada, o que forneceu energia extra aos artistas, que continuaram com “Menino da porteira”, “Cavalo zaino” etc.

Só lá pelas 12h00 (a hora da “boia”) as pessoas começavam a sair da passarela e acordamos a saída da “furiosa” muito cansada, mas feliz com o carinho do povo se divertindo.

Enfim uma parceria que conseguiu o jogo do “ganha-ganha” (o único possível), da população aos músicos, passando por mim!

Por dias cantarolei “lâmpião de gás quantas saudades você me traz...” e, pior, contava a todos que encontrava a minha experiência de Arthur Alvim!

Que percebo, até por que a lembrei para escrever esta crônica, ficou entranhada em mim.

Crônica que aqui termino porque já começo, instintivamente, a cantarolar: “lâmpião de gás, lâmpião de gás, arthur alvim, arthur alvim, metrô, quantas saudades vocês me...”.

